

Dia Eduardo Prado Coelho

FOTOGRAFIA © Augusto Brázio

CCB



Dia Eduardo Prado Coelho

«O verdadeiro encontro é aquele que em que uma pessoa interrompe a vida de outra pessoa. O verdadeiro encontro é uma interrupção».

Público, Fio do Horizonte, 30 de Março de 1998

«Sentado em frente ao mar, levanto os olhos para continuar a ler. As palavras rompem como palavras de água. O mundo faz-se gota a gota, no infinito de um oceano em que os barcos traçam caminhos, sulcos, traços marítimos e inscrições de alto mar. Estranha emoção a de ficar transparente às palavras que parece reforçam a minha transparência. Toda a leitura nos faz crianças e nos constrói na energia da areia. [...] Existem sempre momentos que justificam todo o trabalho da escrita, toda a magia da leitura, toda a conjura das palavras.»

Público, supl. "Mil Folhas", 18 de Fevereiro de 2006



15h

Leituras / Conversas com:
Alexandra Prado Coelho
Margarida Lages
Fernando Pinto do Amaral
António Mega Ferreira
Nuno Júdice

17h15 / 17h30 Intervalo

17h30 Filme *O Joelho de Claire - Le Genou de Claire (1970)*
de Éric Rohmer (a projecção é em DVD, num ecrã 6 x 4 metros)

Quando perguntaram a Filipe La Féria ‘que pensa de Eduardo Prado Coelho?’, a resposta foi ‘Eduardo Prado Coelho? Qual deles?’. Tendo em conta a reconhecida exiguidade da existência, esta resposta pode aparecer como o melhor elogio.

Comecemos por um dos ‘eles’, o professor. Eduardo Prado Coelho foi professor na Universidade Clássica, depois na Universidade Nova, na linha de uma certa vocação didáctica familiar. Ensinou também no Conservatório e na Sorbone. Nunca se entregou ao exercício do poder universitário. Tendo em conta que o seu campo era a literatura, também nunca foi demasiado sensível à importância do que fazia, detestando dar notas, fazer exames ou dramatizar situações. Digamos que pôs em prática uma certa concepção anarquista da pedagogia literária. Considerou o espaço do ensino como uma área de sedução de palavras e corpos através da partilha e cumplicidade que derivam do tratamento de ideias e afectos textuais. Considera que o melhor do seu trabalho se manifesta no ter de algum modo contribuído para o aparecimento de certos nomes hoje reconhecidos: António Guerreiro ou Eunice Cabral, Tereza Coelho ou Abel Baptista, Silvina Lopes ou João Mário Grilo, Fernando Pinto do Amaral ou Gustavo Rubim, Augusto M. Seabra ou Alexandre Melo, João Pinharanda ou Manuel Carrilho, e outros, alguns outros.

Passemos para o ‘político’. Antes do 25 de Abril, claramente oposicionista, por ódio visceral a todas as formas de opressão. A seguir, ligação de alguns meses ao Partido Comunista, por duas ordens de razões: uma, muito tipicamente “intelectual”, no pior sentido do termo, pela ingenuidade de pensar que aquilo que hoje é evidente já nessa altura o poderia ser; a segunda, como forma de resistência aos “delírios” esquerdistas do momento. Em 1975, afasta-se do Partido Comunista e procura a “boa via socialista”. Neste processo vai acompanhando toda a crise da esquerda contemporânea. O que se manifestou através das crónicas que escreveu para o *Expresso* – que lhe valeram múltiplos ódios e incompreensões, mas que o tornaram efectivamente popular. Como acontece a quem escreve todas as semanas, cometeu erros, injustiças e excessos, mas criou um certo estilo peculiar de abordagem dos fenómenos políticos.

Actualmente, o seu perfil político pode definir-se em poucos traços. Por um lado, sabe muito bem o que não quer: recusa violentamente quaisquer formas de fascismo, nacionalismo ideológico, racismo ou militarismo, bem assim como todos os sistemas totalitários. Sublinhe-se que não tem qualquer simpatia pela instituição militar. Mas, recusados os extremismos (mesmo quando reclamados por nostalgia do heroísmo ou recusa do tédio), vê com algum cepticismo os confrontos histerizados entre uma esquerda e uma direita que, uma vez no poder, se assemelham em muitos pontos. Contudo, razões sociais e culturais levam-no a identificar-se com a Esquerda (mesmo quando a critica com acentuada aspereza). Não tem grande vocação partidária por duas razões: aborrece-se muito em qualquer reunião política e sempre que se estabelece um unanimismo partidário tem a perversa tendência para discordar. Não sente quaisquer afinidades nem com Adriano Moreira nem com Freitas do Amaral. Mas gosta de conversar com Lucas Pires. Embora reconhecendo-lhes méritos, nunca pertenceu às esferas de Sá Carneiro ou Mário Soares. Tem

sobretudo simpatia pelos que se situam antes da ideologia ou depois da ideologia. Antes: Ramalho Eanes ou Cavaco Silva, que lhe merecem a consideração que suscitam os pragmáticos um pouco inábeis no seu voluntarismo bem intencionado (consideração e não fascinação, ao contrário do que dizem os idiotas). Depois da ideologia: Vítor Constâncio ou Maria de Lourdes Pintassilgo (pelo rigor ou a imaginação nas ideias). É de longa data amigo de Jaime Gama. Admira Jorge Sampaio pela forma límpida e apaixonada como defende as suas convicções.

Por fim, a terceira personagem: aquele que vive e escreve. Por jogo e desejo, gosta de viver no meio da cultura. E gosta das pessoas que são assim sem demasiada ênfase (por isso considera Teresa Patrício Gouveia como o melhor ministro da Cultura depois do 25 de Abril). Na escrita e na vida importam-lhe sobretudo os momentos em que as coisas fazem sentido e se justificam por si próprias. Esquece-se muito depressa. Comove-se com discreta facilidade. Tem um gosto e um modo infantil de se sentir feliz. Sente a mais soberana indiferença por quase tudo o que pensam ou escrevem a seu respeito. Julga que o essencial está em ler muitos livros, andar nas ruas a ver montras, passear de barco no Sena, ouvir Monteverdi, falar com Duras, comprar jornais, ir a restaurantes chineses, passar uma semana em Veneza, rir, escrever de tempos a tempos, olhar para gatos, assobiar, fazer sorrir uma mulher, ser capaz de envelhecer como Picasso, cantar sambas nas tardes brasileiras de domingo e encontrar as palavras certas para garantir que do desejo ou da separação alguma coisa vai ficar.

Na sua carta, refere-se ao meu necessário isolamento na situação portuguesa actual. Até certo ponto, é isso. Parti de um alisamento na ortodoxia 'neo-realista', passando pela Vértice e pela Seara Nova. Foi no ano das greves universitárias, entrara eu para a Faculdade de Letras – em 62. Mas passei anteriormente por uma fase 'personalista' – onde devorei o Monnier de ponta a ponta.

A minha inserção na linha marxista tradicional foi tranquila (a passagem pela Seara constitui uma excelente experiência, mas cercada de suspeitas). Saí da Seara por motivos a que era alheio, mas vi-me neles embrulhado. Contudo, a linha política seguida (duma fidelidade absoluta aos dogmas soviéticos) e a timidez ideológica, o recurso a autores [...] (Manuel Mendes, Álvaro Salema, etc.) e a reclusão dos marxistas que levantavam problemas – tudo isso me incompatibilizou com a rigidez da direcção da revista.

As coisas foram evoluindo lentamente e de súbito descobriram-me 'estruturalista'. Eu lera o Barthes, o Lévy-Strauss, o livro do Sebag, e sentia-me algo abalado no meu marxismo de algodão em rama. Espiçado pela dificuldade, desatei a ler tudo o que me aparecia pela frente até descobrir a escola de Althüsser, os textos de Lacan e o grupo de rua d'Uim. Comecei a falar nesses problemas, e a pouco e pouco o rótulo de 'estruturalista' aparecia: e como o rótulo chama artigos, e artigos [...], eu fui-me especializando em 'estruturalismo'. Caso curioso: o rótulo desvaneceu certas desconfianças de 'direita' e acentuou as suspeitas da 'esquerda'. Foi fácil até circular como reaccionário. Em relação à Antologia publicada na Portugaláia, é significativo que ela não tenha tido qualquer eco nas publicações de 'esquerda' e apenas merece uma análise na revista Brotéria, assinada por Maria de Lourdes Belchior!

É isto que até certo ponto me deu uma situação isolada – intelectualmente falando, porque de resto mantenho as melhores das relações com a maioria das pessoas em causa. Trabalhando por vezes com o José Fernandes Fafe e também com um Alberto Ferreira algo ultrapassado, falando muito com o Ramos Rosa e com o David Mourão-Ferreira, senti-me a pouco e pouco próximo (e discordante) da ‘heterodoxia’ portuguesa: do José Augusto França, do Adolfo Casais Monteiro, do Jorge de Sena, etc.

É talvez essa a razão por que reagi com tanta violência aos ataques do Vergílio Ferreira. Dizia-me o meu pai (que é um racionalista-positivista): “Tu estás muito mais próximo do V.F. do que supões”. E dizia-me a sua ‘carta-aberta’: ‘Você é um irracionalista que se ignora!’ Ora eu suponho que não é bem assim, mas sentia-me na verdade muito próximo de certas coisas defendidas por Vergílio Ferreira: e sobretudo sentia-as, mesmo quando as rejeitava. [...]

Na sua carta aponta-me um perigo: o da dispersão, o das tarefas menores. Muitas vezes tenho pensado nele. Casei, tenho uma filha de 16 meses – que é a Alexandra. Preciso de um ordenado certo por mês. Não é que sem ele ficasse na miséria: mas ficava na dependência de pais e sogros, o que é aborrecido. Além disso preciso de dinheiro para comprar livros e discos.

Por isso, estou como professor de Literatura Portuguesa do 6º e 7º anos do Colégio Moderno. Dou explicações (entre elas, a filha da Isabel da Nóbrega, em Filosofia). Sou bibliotecário da Secção do Instituto Francês da Faculdade de Letras. Faço crítica de poesia quizenalmente no Diário de Lisboa. Faço crítica de cinema quase diariamente no Diário de Lisboa. Apresento regularmente os filmes exibidos no Instituto Francês. Isso dá-me os 5.000\$00 de que preciso. Nas horas vagas, faço a tese. E converso, converso imenso. Não sei se valeria mais ter escolhido um emprego em publicidade que me ocupasse o dia todo. Assim tenho grande liber-

dade de movimento, e esgoto-me um pouco em tarefas menores. Nas minhas actuais circunstâncias económicas (e com os meus 24 anos pré-militares), não tenho outra solução. Não pretendo ser crítico literário toda a vida. Mas a ter de trabalhar, prefiro trabalhar naquilo de que gosto. Já raramente escrevo por prazer. Mas por vezes ao escrever por obrigação descubro nisso prazer – e é o que me importa. Provisoriamente esta solução agrada-me. Procurarei evitar cair no entorpecimento: estou quase certo de o conseguir. E tenho tempo (espero vir a tê-lo) para me dedicar a coisas de maior vulto e alcance. Vamos ver como as coisas se vão apresentar.



COLUMBIA FILMS APRESENTA UMA PRODUÇÃO PIERRE COTTRELL / LES FILMS DU LOSANGE E BARBET SHROEDER:

O Joelho de Claire Le Genou de Claire

Éric Rohmer Duração 105' | M/12 anos

ELENCO Jean-Claude Brialy **JERÔME** | Aurora Cornu **AURORA** | Béatrice Romand **LAURA** Laurence de Monaghan **CLAIRE** | Michèle Montel **MADAME WALTER** Gérard Falconetti **GILLES** | Fabrice Luchini **VINCENT**

*J*erôme é um diplomata que passa as suas últimas férias de solteiro nas margens do lago de Annecy. Aí ele reencontra Aurora, uma escritora italiana que é sua amiga e que alugou um quarto na casa de uma senhora e das suas duas filhas, Laura e Claire. Aurora avisa que Laura está interessada nele, incentivando-o a ter um último namoro antes do casamento. Entretanto Jérôme está interessado em Claire, tendo um desejo obsessivo em acariciar o seu joelho.

ESCREVER COM ROHMER

[...] Em Rohmer existe *um programa para o cinema* conduzido em múltiplas frentes [...] entrámos num *espaço de perturbação e prazer* que é o que de melhor Rohmer nos sabe dar. Percebemos [...] que a *questão moral dominante* em Rohmer resulta desta desproporção entre a *generalidade* da lei e o carácter *concreto* da situação. Mas ficamos também habilitados a entender (e essa é certamente uma das linhas de força da obra de Rohmer) que existe *uma moral deste cinema* no modo como ele nos coloca *no interior da própria distância* que vai do *abstracto* de um problema ao *insignificante* de uma intriga. O cinema de Rohmer reconduz-nos a cada momento de uma *metafísica* para uma *física* e vice-versa. [...] Torna-se fácil concluir que existe em Rohmer uma *física* do teatro e uma *metafísica* do cinema.

[...] Analisando a pintura de Degas, Rohmer fala num sentimento de ruptura e desequilíbrio, que o cinema, na medida em que prolonga o que, no quadro, é movimento suspenso, converte numa sensação de *equilíbrio recuperado*. Encontramos aqui os termos da oscilação: de um lado, a *física da pintura* e os seus efeitos perturbantes de assimetria e queda; do outro, a *metafísica do cinema* capaz de restituir com esse material em queda, a simetria de uma serenidade pressentida. [...] Porque Rohmer filma *Comédia e Provérbios*: ora a comédia corresponde ao teatro, ao desequilíbrio, ao “ser engraçado”; e o provérbio, esse, no seu encantamento de lei suspensa numa sabedoria sem memória, abre para o lado do equilíbrio, da simetria, do “cair em graça”, do cinema.

[...] *Duplo modo de recepção* de Rohmer: por um lado, somos conduzidos por intrigas de comédia ágeis e desenvoltas que nos restituem o prazer de uma certa teatralidade primitiva; mas, por outro lado, há uma enorme serenidade que se desprende destas construções fúteis, e as ilumina, e as contagia, e nos desloca do *plano mecânico das causas para o jogo soberano das essências*. [...] Porque é necessário entrever, entre as imagens, *este tropismo sem nome* que atravessa e exalta o corpo dos filmes de Rohmer. Precisamente o mesmo que nos diz Proust em *Le Temps Retrouvé* quando mostra que a obra de arte «nous apprend que dans tout amour *le général gît à côté du particulier* et à passer du second au premier par une gymnastique qui fortifie contre le chagrin en faisant négliger sa cause pour approfondir son essence».

Eduardo Prado Coelho, “Escrever com Rohmer: Um jogo de aproximações e cumplicidades”, in *A Mecânica dos Fluidos*, IN-CM, 1984

CCB

Literatura

Dias Tolstoi

(1828-1910)

PARTICIPAÇÃO DE
FILIPE PINTO-RIBEIRO
JOÃO LOPES
JOSÉ MILHAZES
ANTÓNIO PESCADA
JOÃO PAULO COTRIM

PEDRO LAMARES
LÊ EXCERTOS DE
"ANA KARÉNINA"

SÁBADO E DOMINGO

20/21
Nov.

PEQUENO AUDITÓRIO
- SALA EDUARDO
PRADO COELHO
A PARTIR DAS 15H
ENTRADA LIVRE

APRESENTAÇÃO INTEGRAL DO FILME
GUERRA E PAZ,
DE SERGEI BONDARTCHUK (1965-1967)

M/12 ANOS

+ INFO WWW.CCB.PT